

# O pai, a função paterna, o princípio paterno: alguns desenvolvimentos psicanalíticos contemporâneos<sup>1</sup>

Cláudio Laks Eizirik<sup>2</sup>, Porto Alegre

*O autor discute o pensamento de Freud sobre o papel do pai, bem como ideias de teóricos franceses posteriores. Para ilustrar as suas considerações, baseia-se na obra de Carlos Drummond de Andrade (1912-1987), poeta brasileiro cujo trabalho frequentemente abordou as temáticas do pai, da família e da sua própria relação paterna. O autor discute também a formação psíquica do princípio paterno e de como isso poderia ser observado no setting analítico, mesmo quando a abordagem do analista privilegia a teoria do campo, a intersubjetividade ou outros conceitos que enfatizam a relação entre analista e paciente.*

*Palavras-chaves: Pai; Princípio paterno; Freud; Carlos Drummond de Andrade; Poesia; Fase edípica; Mitologia; Parricídio; Relação pai-filho; Relação analítica; Estrutura psíquica; Pulsões; Interação analítica*

<sup>1</sup> Publicação original: Eizirik, C. L. (2015). The father, the father function, the father principle: some contemporary psychoanalytic developments. *The Psychoanalytic Quarterly*, 84 (2): 335-350, DOI: 10.1002/psaq.12003

<sup>2</sup> Analista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA). Professor emérito de psiquiatria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

## Introdução

Desde o seu começo, a psicanálise tem utilizado diversas maneiras de abordar e tentar descrever ou buscar o sentido dos múltiplos aspectos da existência humana. Entre os muitos desafios, defronta-se com a figura complexa e de alguma forma misteriosa ou enigmática do pai, e também com a sua influência em toda a vida dos filhos e até nas gerações sucessivas.

Neste trabalho, abordarei algumas contribuições seminais de Freud sobre o papel do pai e as suas relações conflitantes com os filhos. Descreverei também algumas contribuições mais recentes de autores franceses. Para introduzir e ilustrar tais ideias psicanalíticas sobre o papel do pai, apresentarei alguns aspectos da vida e da poesia de Carlos Drummond de Andrade (1956, 1963, 1984, 1996, 2000), que considero o poeta brasileiro mais importante do século XX.

## Um poeta expressa a sua relação paterna

Carlos Drummond de Andrade nasceu em 1912 em Itabira (situada em uma região montanhosa de Minas Gerais, Brasil) e morreu no Rio de Janeiro em 1987. De acordo com relatos biográficos, bem como entrevistas com o próprio poeta, a relação com o seu pai, Carlos de Paula Andrade, era de extrema ambivalência. Ele era uma figura poderosa, muito rígida e autoritária, e, ao longo de toda a vida, Drummond sentia-se como se tivesse traído os valores e desejos de seu pai. Contudo, ao mesmo tempo, o poeta falava de seu amor e respeito pelo pai, cuja fotografia ocupava um lugar de destaque no seu escritório.

Em uma de suas últimas entrevistas, Drummond referiu-se ao pai como uma espécie de juiz ou vingador, ao passo que a mãe era descrita como uma pessoa doce. Certa vez ele levantara a sua mão na direção do pai em autodefesa, temendo que ele lhe batesse, e o pai, por sua vez, o encarou perplexo, pois temia que o filho *atingisse a ele*. Um dos irmãos então gritou, quase brincando: “Isto é parricídio”!

Uma das poesias mais dramáticas de Drummond, “Viagem na Família”, aborda principalmente a relação com o seu pai:

No deserto de Itabira  
a sombra de meu pai  
tomou-me pela mão.  
Tanto tempo perdido.

O pai, a função paterna, o princípio paterno: alguns desenvolvimentos psicanalíticos ...

---

Porém nada dizia.  
Não era dia nem noite.  
Suspiro? Voo de pássaro?  
Porém nada dizia.

[...]  
Pisando livros e cartas,  
viajamos na família. [...]

Que cruel, obscuro instinto  
movia sua mão pálida  
subtilmente nos empurrando  
pelo tempo e pelos lugares  
defendidos?

Olhei-o nos olhos brancos.  
Gritei-lhe: Fala! Minha voz  
vibrou no ar um momento,  
bateu nas pedras. A sombra  
proseguia devagar  
aquela viagem patética  
através do reino perdido.  
Porém nada dizia.

Vi mágoa, incompreensão  
e mais de uma velha revolta  
a dividir-nos no escuro.  
[...]  
recusa em pedir perdão.  
Orgulho. Terror noturno.  
Porém nada dizia.

Fala fala fala fala.  
Puxava pelo casaco  
que se desfazia em barro.  
Pelas mãos, pelas botinas  
prendia a sombra severa  
e a sombra se desprendia

Cláudio Laks Eizirik

---

sem fuga nem reação.  
Porém ficava calada.

[...]  
eram nossas difíceis vidas  
e uma grande separação  
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida  
me aperta contra o seu vulto,  
e nesse abraço diáfano  
é como se eu me queimasse  
todo, de pungente amor.  
Só hoje nos conhecermos!  
Óculos, memórias, retratos  
fluem no rio do sangue.  
As águas já não permitem  
distinguir seu rosto longe,  
para lá de setenta anos...  
Senti que me perdoava  
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,  
a família, Itabira, tudo. (1963, pp. 66-68)

Ao ler esta poesia inúmeras vezes como se estivesse escutando o sonho de um paciente, fiquei impressionado pelo seu ritmo e pela repetição do pedido do filho por uma palavra do seu pai, recebendo como resposta apenas silêncio, mas, ao mesmo tempo, sentindo a mão do pai que o empurrava pelo deserto (uma metáfora poderosa para a relação de ambos) e que ficava ao seu lado no decorrer dessa triste viagem de família por lugares proibidos do passado.

À medida que lemos essa poesia, é como se estivéssemos testemunhando uma viagem para o mundo interno do poeta – “pequena área do quarto” –, acompanhando os seus diversos estados mentais, revivendo velhas revoltas, as decepções em relação ao seu pai, as difíceis vidas compartilhadas e, por fim, a aproximação ao pai, “como se eu me queimasse todo, de pungente amor”, até sentir-se perdoado.

Mas, perdoado pelo quê? Pelos seus ataques? Por ter frustrado os planos que o pai tinha para ele? Pelos seus desejos edípicos, observados nas frequentes

---

O pai, a função paterna, o princípio paterno: alguns desenvolvimentos psicanalíticos ...

---

referências às mulheres nuas? Por ter finalmente derrotado o pai, tornando-se um poeta de sucesso? Ou trata-se de uma expressão da culpa inevitável que atravessa as gerações devido ao assassinato coletivo do pai primordial? Em muitos poemas de Drummond, percebemos a visão um tanto irônica de si e da sua relação com a família rica e poderosa do passado.

Em outra poesia, Drummond, o qual, brincando, referia-se a si mesmo como um *fazendeiro do ar* – em contraste ao seu pai proprietário fundiário –, imagina uma janta em família em que o pai olharia para ele:

[...] Teu olho cansado,  
 mas afeito a ler no campo  
 uma lonjura de léguas,  
 e na lonjura uma rês  
 perdida no azul azul,  
 entrava-nos alma adentro  
 e via essa lama podre  
 e com pesar nos fitava  
 e com ira amaldiçoava  
 e com doçura perdoava. (1963, p. 74)

E o poeta se descreve como segue:

Tenho todos os defeitos  
 que não farejei em ti  
 e nem os tenho que tinhas,  
 quanto mais as qualidades.  
 Não importa: sou teu filho  
 com ser uma negativa  
 maneira de te afirmar.  
 [...]  
 Tão ralo prazer te dei,  
 nenhum, talvez... ou senão,  
 esperança de prazer,  
 é, pode ser que te desse  
 a neutra satisfação  
 de alguém sentir que seu filho,  
 de tão inútil, seria

Cláudio Laks Eizirik

---

sequer um sujeito ruim.

Não sou um sujeito ruim. (1963, p. 79)

É fácil identificar a insegurança e a angústia constante do poeta diante de uma figura paterna tão poderosa.

## **Pais e filhos na mitologia grega e na Bíblia**

Outra fonte extremamente rica de reflexões sobre o pai pode ser encontrada nas mitologias de diferentes culturas e épocas. Na Grécia Antiga, na história de Dédalo e Ícaro, por exemplo, o pai projeta asas de plumas e cera que permitem à dupla fugir da ilha-prisão. Dédalo adverte seu filho para que não voe alto ou baixo demais, mas Ícaro, repleto de alegria pelo voo, sobe muito perto do sol. O calor derrete a cera que mantinha unidas as asas e, assim, o jovem despenca no mar, onde se afoga.

A história é semelhante, na sua temática, àquela de Fáeton, filho do deus do sol e de uma mulher mortal. Fáeton procura o pai e, para a sua alegria, Apolo lhe concede o que ele quiser, não se dando conta de que o desejo maior do filho seria ocupar o seu lugar na carruagem do sol por um dia. Quando Fáeton anuncia este desejo, Apolo não pode deixar de consentir, pois fez um juramento. Tenta dissuadir o menino com terríveis previsões, mas Fáeton insiste em dirigir o veículo celeste. Os resultados são desastrosos. Perde o controle dos cavalos e voa por tudo, queimando céu e terra, até que o próprio Zeus intervém e atinge mortalmente o menino com um raio.

Quase todas as lendas pai-filho dizem respeito às consequências da transgressão ou, colocado de outra forma, aos custos decorrentes da desobediência à lei do pai. Podem ser consideradas como histórias admonitórias que servem ao melhor interesse do patriarcado, pois ajudam a preservar a autoridade do pai tanto dentro da família quanto na cultura.

Muitas vezes, a relevância de histórias sobre pais dispostos a sacrificar ou matar seus filhos é menos aparente e, talvez por isso, mais perturbadora. Uma das mais célebres é o conto bíblico de Abraão e Isaque, no qual Deus testa Abraão ordenando que sacrifique o seu filho. Após muita angústia, Abraão leva Isaque até um altar em uma montanha, mas, no momento em que está prestes a cortar a garganta do filho, Deus, agora convencido da lealdade de Abraão, intervém, e um carneiro magicamente aparece, preso em um arbusto. Abraão pode, assim, oferecê-lo no lugar de Isaque. Do ponto de vista de um pai, esta é uma história comovente

O pai, a função paterna, o princípio paterno: alguns desenvolvimentos psicanalíticos ...

de lealdades divididas – cultura *versus* família. Nesse caso, a lealdade de Abraão em relação a Deus (cultura) é recompensada, e o sacrifício substituto lhe oferece o melhor dos dois mundos, preservando intactas a cultura e a família.

Contudo, do ponto de vista do filho, esta poderia parecer a história de um pai que se importa mais com Deus do que com a sua própria carne e sangue. O final feliz não é tão convincente, sobrando ao filho a imagem traumática de um Deus que exigiu a sua morte e de um pai que estava disposto a matá-lo.

O Novo Testamento introduz um tipo diferente de figura paterna para remediar o severo e exigente Deus de Abraão. O Evangelho de João apresenta esta figura de forma bastante explícita: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”<sup>3</sup>. A mudança é radical: ao invés de exigir que os pais sacrifiquem os filhos para provar a sua lealdade, Deus, o pai, o Deus do Novo Testamento, sacrifica o próprio filho por amor à humanidade. Enquanto o Deus do Antigo Testamento cedeu no último momento, oferecendo a Abraão um sacrifício substituto, este Deus deixa o seu filho morrer na cruz. Agora não há substitutos: a sua devoção para com a humanidade é profunda até este ponto.

Se examinarmos a doutrina da Santíssima Trindade, a lógica vai ainda mais longe: Deus e Cristo são um e o mesmo; assim, Deus, na verdade, deixou que os humanos matassem *a si mesmo* para mostrar a sua devoção a eles e, para ilustrar tal promessa de vida eterna, ressuscita da sepultura. Porém, até mesmo esta história não deixa de incluir um apelo irônico a partir do ponto de vista de um filho. Nos seus últimos momentos na cruz, Cristo se lamenta com o pai: “*Eli, Eli, lama sabachtani?*” (“Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?”).

Apesar das suas origens, lugares e personagens diferentes, as narrativas mitológicas e bíblicas retratam, de forma recorrente, uma relação ambivalente entre pais e filhos: homicídio, vingança, castração e inveja por um lado, ao passo que amor, admiração e o desejo de ser como o pai coexistem no outro. Em síntese, esses mitos e histórias constroem os fundamentos que permitiram a Freud, e aos psicanalistas posteriores, apresentar uma nova e coerente visão da dimensão inconsciente que atravessa as épocas, a filogenia e a ontogenia.

## Os pontos de vista de Freud sobre o pai

*Totem e tabu* (1913 [1912]/1955), de Freud, é uma obra chave para entender o papel do pai tanto na mente individual quanto na coletiva. É possível considerar

<sup>3</sup> N.T.: João 3:16, ACF (Almeida Corrigida Fiel).

Cláudio Laks Eizirik

---

que Freud estabeleceu o seu modelo filogenético de figura paterna nessa obra, começando com a hipótese do assassinato do pai e da posterior devoração dele pela horda primitiva – doravante transmitido de modo hereditário –, algo que ele classifica como o crime originário e maior da humanidade e do indivíduo. O processo de identificação está baseado no homicídio e na devoração do pai por parte do grupo de irmãos rejeitados. O assassinato do pai invejado e temido, objeto de sentimentos conflitantes que formam o conteúdo ambivalente do complexo paterno, dá origem a sentimentos de culpa, estando na base da proibição originária contra o incesto.

Em outras palavras, o pai primitivo se torna mais poderoso na morte do que era em vida, pois o que ele proibiu através da sua mera existência é agora algo de que os filhos se privam no seu lugar. Renunciam ao crime, proíbem o homicídio do pai substituto – o totem – e abdicam ao direito de ser a sua descendência, privando-se também de mulheres conseqüentemente liberadas. Portanto, com base nos sentimentos de culpa de um filho, a dupla de tabus fundamentais do totemismo foi estabelecida de acordo com os dois desejos recalcados do complexo de Édipo. Aqueles que desrespeitaram esses tabus eram considerados culpados dos dois únicos crimes que diziam respeito à sociedade primitiva.

Assim, o pai morto e a sua idealização retroativa por meio do engrandecimento da própria imagem também formam a base da civilização e da religião. Esses dois eventos fundadores – o assassinato do pai e o ato de devorá-lo – são simbolicamente renovados no ritual periódico da refeição totêmica, sendo esta talvez a primeira cerimônia humana que repete e comemora o gesto criminal a partir do qual muitos desenvolvimentos se sucederam, tais como as hierarquias sociais, as restrições morais e as religiões organizadas (Freud, 1939/1964). A celebração é uma maneira de revivenciar os resíduos psíquicos das épocas primitivas, tornando-se o direito inato daquilo que, em cada nova geração, precisa ser apenas despertado, mais do que aprendido.

Além disso, ao limitar a tendência à rivalidade violenta entre os irmãos, a igualdade deles foi garantida através da redução das pulsões, justificada pela necessidade de manter a nova ordem surgida após a eliminação do pai. Isso demonstra a relevância de um processo cujo elemento essencial, repetido na evolução de cada indivíduo, é a renúncia às pulsões.

Tais elementos das ideias de Freud estão baseados na noção de Darwin da horda primitiva e na hipótese de Robertson Smith da refeição totêmica, bem como na vasta documentação etnológica disponível na época de Freud, sobretudo aquela de Frazer. Sabe-se bem que, desde então, houve uma ampla oposição a esse modelo, tanto por parte de antropólogos quanto por inúmeros psicanalistas.

## Desenvolvimentos em nosso pensamento sobre o pai

Em um estudo sobre a função paterna e o princípio paterno, Delourmel (2012) aponta que a verdade histórica à qual se refere Freud não era a mesma dos historiadores, mas dizia respeito ao desenvolvimento ontogênico – o que era considerado verdadeiro pela criança, tendo em vista o potencial pela crença e/ou convicção que caracteriza o infantil. A insistência de Freud na recriação de algo ocorrido em épocas antigas demonstra o seu interesse pela verdade psicanalítica. A propósito desse assunto, acredito que existem fortes evidências corroborativas, no trabalho clínico com os sonhos e com a transferência, que nos mostram repetidamente – assim como faz a mitologia – que as fantasias do parricídio, as refeições totêmicas e as proibições resultantes influenciam a todos nós. Portanto, é possível concluir que, diante do desconhecido relativo à natureza e às origens do pai na psique, Freud extraiu da literatura etnológica aquilo que considerou útil para o trabalho analítico.

Entre os muitos autores que se dedicaram à discussão e à expansão das ideias de Freud, Green (1995) merece especial destaque por ter sugerido a noção de identificação com o pai primitivo. Segundo Green, a inibição está no centro da identificação primária com o pai. Em nível primário, o pai não é o pai edípico da história, o objeto do desejo ou uma figura que suscita a rivalidade destrutiva, mas uma formação psíquica caracterizada pelo seu papel de terceiro enquanto separador da mãe e do filho, e deveria ser entendido como *princípio paterno*.

De forma concomitante ao estabelecimento da estrutura enquadrante da mãe (isto é, existe uma estrutura psíquica da função materna, independentemente de ela estar ou não presente de forma concreta), o princípio paterno como formação psíquica se desenvolve por meio das trocas com o objeto primário. Uma das suas características é a inibição do objetivo, algo que pode ser entendido melhor nas palavras de Green (1995):

O princípio paterno, isto é, a identificação primitiva com o pai, ocupa uma posição equivalente aos sentimentos que preservam o destino dos investimentos em direção ao objeto, renunciando à realização completa do objetivo. Em síntese, tal identificação primitiva, anterior a qualquer conflito, age em direção ao pai de forma comparável ao comportamento de inibição em direção ao objetivo referente à mãe. (p. 87)<sup>4</sup>

<sup>4</sup> N.T.: Tradução livre.

Cláudio Laks Eizirik

---

Ao longo do estágio edípico, o princípio paterno é transformado em uma identificação secundária com o pai castrador, sendo transferido ao ideal do Eu quando se atenua o complexo de Édipo.

Neste ponto, é importante destacar que Green ressalta a articulação do princípio paterno com a estrutura enquadrante da mãe. Com base naquilo que Freud (1913 [1912]/1955) descreveu a propósito da natureza da pulsão sexual, que não favorece o alcance da plena satisfação, Green sugeriu que tal limitação (não obter uma satisfação plena) resulta de uma operação interna – algo que ocorre em nível das pulsões e não resulta de quaisquer influências externas – que leva a um recalque. Isso indicaria uma mudança na natureza da pulsão sexual.

Esta renúncia à plena satisfação da pulsão é o que torna possível manter um componente essencial: o vínculo com os pais, a relação de ternura. Também permite o vínculo com o objeto e a manutenção de alguns investimentos de maneira durável e inalterável, em uma conexão sólida com a inibição referente ao destino da pulsão (Green, 1986). Isso poderia ser considerado um momento fundante em que existe uma internalização não do objeto, mas de um estado de ausência do objeto, resultando em uma estrutura enquadrante da mente. Se levarmos em consideração a ação do trabalho do negativo (Green, 1999) no seu aspecto estruturador, a estrutura enquadrante da mãe pode ser concebida como uma capacidade funcional resultante do trabalho do luto pelo objeto primordial.

Na sua pesquisa sobre função paterna e princípio paterno, Delourmel (2012) investiga o modelo filogenético de Freud e outros modelos paternos desenvolvidos por autores contemporâneos, identificando a presença constante de uma dupla básica de ideias – inibição/externalização, algo que caracteriza a função paterna. Delourmel propõe também uma hipótese sobre o princípio paterno de acordo com Green, bem como a sua relação com a função paterna, considerando ambas como uma oposição/imbricação entre filogenia e ontogenia.

Delourmel é um fervoroso defensor da hipótese filogenética, pois nós, enquanto analistas, devemos preservar a esperança da mudança e transmiti-la, inclusive nos casos de traumas múltiplos em que o pai real fracassou, ao mesmo tempo em que se continua acreditando no potencial psíquico primário do paciente (o princípio paterno) para além da ontogenia, cujo papel de indução pode ser ativado/reactivado por meio da relação analítica.

Este é um ponto central da discussão atual, pois nos permite acreditar – ou, pelo menos, manter viva a esperança – que algo primário foi estabelecido, apesar de todas as experiências negativas da vida, e que esse elemento mais positivo um dia aparecerá na transferência e na vida do paciente.

Se considerarmos relevante a hipótese filogenética, aceitando os pressupostos

básicos estabelecidos por Freud em *Totem e tabu* (1912-13), então concordamos que existirá sempre uma presença psíquica do pai. Presenciamos isso o tempo todo, não apenas na transferência com os pacientes que não tiveram a presença concreta de um pai, mas também nas nossas observações da vida quotidiana e da literatura. É suficiente lembrarmos-nos de Jean Valjean em *Les misérables* (Hugo, 1862/2013).

Um elemento central da proposta de Delourmel (2012) é a relevância da inibição como aspecto chave do princípio paterno. Para o autor, existe uma conexão importante entre o princípio paterno e o processo de pensamento. O princípio paterno é algo cuja ação manifesta-se pelo surgimento de uma função inibitória que ocorre no processo do pensamento teórico. Mais primário do que o pai morto, para além do parricídio, o princípio paterno não precisa matar (conforme sugerido por Freud (1913 [1912]/1955) para impor a si mesmo, contentando-se em prevalecer ou não.

A partir desta amostra seletiva – longe de ser exaustiva – de contribuições sobre o estudo da origem e da finalidade da função paterna na psique individual e coletiva, parece que um amplo debate sobre uma figura central na formação da mente está em andamento. Esse ponto foi inicialmente muito focado por Freud, mas em seguida foi negligenciado pela psicanálise, mais atenta em enfatizar a relação entre mãe e bebê, sendo que apenas recentemente chamou de novo a atenção dos psicanalistas.

É possível que, entre outras razões por este renovado interesse, exista certa decadência em relação ao pai, à sua função e ao princípio paterno no mundo ocidental, com o seu cenário fragmentado, repleto de incertezas, complexidades e ambiguidades. Stoloff (2007) levou em consideração o cenário atual e defendeu fortemente a necessidade de uma função paterna.

Talvez exista uma confusão entre a rejeição da figura patriarcal – autoritária e dominante – e a necessidade, no mínimo, de um princípio paterno. Estamos hoje testemunhando as operações violentas e irracionais de inúmeras versões fundamentalistas de diversas religiões, nas quais a presença da versão autoritária e inflexível de um pai que assassina os oponentes e os inimigos, mantendo as mulheres limitadas a um papel humilhante, ameaça todas as expressões de pensamento independente.

## O princípio paterno no *setting* clínico

Se considerarmos as mudanças ocorridas na maneira de praticar e de refletir sobre a psicanálise, com a nova visão do campo analítico, a intersubjetividade e a

Cláudio Laks Eizirik

---

relação colaborativa entre analista e paciente, bem como o valor crescente atribuído à mente do analista, percebemos a necessidade de formular uma teoria que possa englobar essa nova realidade.

Por exemplo, ao lermos as contribuições de Ferro e Ogden, fortemente influenciadas por Bion, observamos que existe uma transição que vai desde a reconstrução da história do paciente até o trabalho feito em conjunto por paciente e analista na sessão, algo com frequência descrito como o sonho sonhado juntamente pelos dois. Nesta nova e estimulante versão da psicanálise, não buscamos significado ou conexões históricas, nem mesmo a causalidade como princípio central, mas tentamos entender e descrever o que está acontecendo a cada momento no aqui e agora. A formulação extremamente original de Ogden (1994) de *terceiro analítico* é talvez uma das descrições mais inovadoras da maneira através da qual muitos analistas teorizam a sua prática clínica nos dias atuais.

Isso está em sintonia com a noção apresentada por Baranger e Baranger (1961-62, 2008) sobre o campo analítico, construído em conjunto por paciente e analista. Os Baranger sugeriram que existe uma fantasia compartilhada do campo, bem como *baluartes* – uma resistência construída conjuntamente a analisar e modificar os traços de caráter do paciente, algo que reflete os pontos cegos também do analista. De qualquer forma, os Baranger igualmente nos advertiram sobre o fato de que a existência de certa assimetria na relação analítica não pode ser negada, mantendo a noção de um princípio paterno como algo relevante e indispensável.

Na minha visão, existe uma questão controversa aqui. Se considerarmos a relação analítica como a situação em que um paciente procura um analista para ajudá-lo com o seu sofrimento emocional, e o analista estabelece um enquadre de acordo com os procedimentos usuais, é evidente que a noção de uma função ou princípio paterno desempenhará sempre um papel central nessa análise, assim como a disposição para a maternidade, sugerida por Chasseguet-Smirgel (1984), também terá um papel relevante.

E se pensarmos na formulação segundo a qual a díade analítica constrói uma nova história graças ao seu trabalho conjunto, conforme Ferro, Ogden e outros propuseram, então essa formulação nos evitaria a necessidade de tal noção de função ou princípio paterno? Apesar de a nossa consciência crescente sobre a natureza da ação terapêutica da psicanálise – na qual a relação entre paciente e analista desempenha um papel central, bem como a mente do analista –, muitos de nós ainda consideram a neutralidade como algo essencial para o nosso método (Eizirik, 2007).

Acredito que, independentemente da abordagem que adotarmos e da maneira usada para lidarmos com a relação analítica, a existência de certa assimetria é

---

O pai, a função paterna, o princípio paterno: alguns desenvolvimentos psicanalíticos ...

---

pertinente ao método analítico e, por conseguinte, até mesmo quando não for mencionada de forma explícita ou confrontada de forma direta, a noção do princípio paterno está sempre presente. Afinal, o analista permanece o guardião do *setting*, sendo ele quem oferece interpretações – qualquer que seja a noção de inconsciente que adotarmos e seja qual for a nossa versão de método analítico.

## O poeta e o princípio paterno

Durante todo o seu longo e produtivo trabalho como escritor, Carlos Drummond de Andrade não apenas entrou em estreito contato com os conflitos sociais relevantes da sua época e, portanto, descobriu o outro, mas sobretudo se conectou cada vez mais com os próprios conflitos internos. É possível observar que a sua poesia conduz uma longa, atenta e detalhada investigação das temáticas da infância, da sua relação com o pai, da vida familiar e das experiências com os amigos, viajando de cidade em cidade, até a consciência social e o *sentimento do mundo*, que é o título de uma de suas poesias.

O poeta que, nos seus últimos anos, aborda a paixão e o erotismo – em uma expressão vigorosa de Eros contra o inevitável encontro com Thanatos –, conclui a sua obra com o impressionante *Farewell* (1996), um réquiem para si mesmo e para sua poesia. O livro investiga e elabora a perda do dom mais precioso, a vida, sendo deixado editado e pronto para publicação logo antes da sua morte. É o seu testamento poético.

Santiago (1996) afirma que, nesse livro, o amor apaixonado reaparece na forma de um soneto belíssimo que começa com a primeira linha de uma das poesias de Camões<sup>5</sup>:

A grande dor das cousas que passaram  
transmutou-se em finíssimo prazer  
quando, entre fotos mil que se esgarçavam,  
tive a fortuna e graça de te ver. (Drummond de Andrade, 1996, p. 18)

Esta foi a batalha final do poeta, quando, livre das restrições estilísticas e talvez interiores que forçaram a sua poesia em uma forma às vezes distante e rígida, ele se aproxima do encontro amoroso, explorando as suas possibilidades

---

<sup>5</sup> Luís de Camões (1524-1580) é frequentemente considerado o maior poeta de Portugal e da língua portuguesa.

Cláudio Laks Eizirik

---

quase infinitas, pronunciando o seu *Farewell* ao mesmo tempo em que comemora o *amor natural* (Drummond de Andrade, 2000).

Levando em consideração o que foi descrito neste trabalho e a longa viagem poética de Carlos Drummond de Andrade, acredito que o poeta elaborou a relação ambivalente que possuía com o Carlos anterior, seu pai. Ele o atacou, castrou, ridicularizou, assassinou como um gigante, temeu como um deus, desprezou, invejou, amou, ocupou o seu lugar na cama da mãe, aceitou a função paterna e o princípio paterno, tornando-se ele mesmo um pai carinhoso para a sua filha e para milhares de leitores que o consideram um modelo e uma figura inspiradora.

Finalmente, o poeta encontrou a felicidade inesperada de viver com os outros e consigo mesmo, tornando-se livre para experimentar o encontro com o outro e encontrar o amor natural. Parece-me que, afinal, ele foi bem-sucedido na tarefa extremamente difícil de identificação com o seu pai, como se “queimasse” de “pungente amor” (Drummond de Andrade, 1963, p. 68).

## Conclusão

Estimulado pelo vasto conjunto da obra do poeta, meus comentários são exemplos de como um analista pode ler e tentar transformar a poesia em uma tentativa – talvez idiossincrática – de encontrar algum significado inconsciente ou associação com o próprio trabalho. De vez em quando – no meio de uma sessão, ao escutar um paciente –, acho que a melhor ideia ou associação que me ocorre é uma linha de Drummond, que eu traduzo na linguagem daquele específico diálogo analítico.

De forma semelhante, o diálogo interno com os nossos pais, analistas e supervisores, assim como com Freud e com os autores analíticos com quem sentimos maior familiaridade, é uma maneira de aproveitarmos a noção – sempre presente e inspiradora – da função paterna e do princípio paterno. □

## Abstract

### **The father, the father function, the father principle: some contemporary psychoanalytic developments**

The author discusses Freud's thinking on the role of the father, as well as that of later French theoreticians. To illustrate his remarks, he draws on the poetry of Carlos Drummond de Andrade (1912-1987), a Brazilian poet whose work often dealt with

themes of the father, the family, and his own paternal relationship. The author also discusses the psychic formation of the father principle and how this may be evident in the clinical analytic setting, even when the analyst's approach privileges field theory, intersubjectivity, or other concepts emphasizing the relationship between analyst and patient.

Keywords: Father; Father principle; Freud; Carlos Drummond de Andrade; Poetry; Oedipal phase; Mythology; Parricide; Father-son relationship; Analytic relationship; Psychic structure; Drives; Analytic interaction

## Resumen

### **El padre, la función paterna, el principio paterno: algunos desarrollos psicoanalíticos contemporáneos**

El autor discute el pensamiento de Freud sobre el papel del padre, así como las ideas de teóricos franceses posteriores. Para ilustrar sus consideraciones, se basa en el trabajo de Carlos Drummond de Andrade (1912-1987), poeta brasileño cuyo trabajo aborda con frecuencia los temas del padre, de la familia y su propia relación paterna. El autor también discute la formación psíquica del principio paterno y cómo eso podría observarse en el *setting* analítico, incluso cuando el enfoque del analista privilegia la teoría de campo, la intersubjetividad u otros conceptos que enfatizan la relación entre el analista y el paciente.

Palabras llave: Padre; Principio del padre; Freud; Carlos Drummond de Andrade; Poesía; Fase edípica; Mitología; Parricidio; Relación padre-hijo; Relación analítica; Estructura psíquica; Pulsiones; Interacción analítica

## Referências

- Baranger, M. & Baranger, W. (1961-62). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*, 4: 3-54.
- Baranger, M. & Baranger, W. (2008). The analytic situation as a dynamic field. *Int. J. Psychoanal.*, 89: 795-826.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1984). The femininity of the analyst in professional practice. *Int. J. Psychoanal.*, 65: 169-178.
- Delourmel, C. (2012). De la fonction du père au principe paternel [From the paternal function to a paternal principle]. *Bull. Société Psychanalytique de Paris*, 106: 34-130 (October).

Cláudio Laks Eizirik

---

- Drummond de Andrade, C. (1956). *50 poemas escolhidos pelo autor*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação.
- Drummond de Andrade, C. (1963). *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora do Autor.
- Drummond de Andrade, C. (1984). *Corpo*. Rio de Janeiro: Record.
- Drummond de Andrade, C. (1996). *Farewell*. Rio de Janeiro: Record.
- Drummond de Andrade, C. (2000). *O amor natural*. Rio de Janeiro: Record.
- Eizirik, C. L. (2007). On the therapeutic action of psychoanalysis. *Psychoanal. Q.*, 75:1463-1478.
- Freud, S. (1955). Totem and taboo: some points of agreement between the mental lives of savages and neurotics. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (S.E.) – Totem and taboo and other works, 13*. (Original work published in 1913 [1912])
- Freud, S. (1964). Moses and monotheism: three essays. In *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (S.E.) – Moses and monotheism, an outline of psycho-analysis and other works, 23*. (Original work published in 1939)
- Green, A. (1986). *On private madness*. Trans. A. Sheridan. London: Hogarth.
- Green, A. (1995). *La causalité psychique. Entre nature et culture*. Paris: Odile Jacob.
- Green, A. (1999). *The work of the negative*. Trans. A. Weller. London: Free Association Books.
- Hugo, V. (2013). *Les Misérables*. Trans. C. Donougher. London: Penguin Classics. (Original work published in 1862)
- Ogden, T. H. (1994). The analytic third-working with intersubjective clinical facts. *Int. J. Psycho-Anal.*, 75: 3-20.
- Santiago, S. (1996). Posfácio. In *Farewell*, by C. Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record.
- Stoloff, J.-C. (2007). *La fonction paternelle [The paternal function]*. Paris: Editions in Press.

Recebido em 22/05/2019

Aceito em 04/12/2019

Tradução de **Patrizia Cavallo**

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

**Cláudio Laks Eizirik**

Rua Visconde do Rio Branco, 708

90220-230 – Porto Alegre – RS – Brasil

ceizirik.ez@terra.com.br

© *Psychiatry Quarterly*

Versão em português da Revista de Psicanálise – SPPA